

5. Aproximações e diferenças entre o que dizem os alunos das escolas pesquisadas

A análise dos dados fornecidos pelos jovens que responderam aos questionários nos permite traçar os perfis das escolas em que estudam, principalmente se as tomarmos a partir de dois grupos distintos: as instituições de ensino da cidade do Rio de Janeiro, a capital, e os colégios situados nos demais municípios da Região Metropolitana. Este último capítulo tem como objetivo buscar no que se assemelham e em que se diferenciam as escolas que formam os futuros professores que participaram desta pesquisa, a partir de suas localizações, buscando os dados necessários tanto no que apontaram as respostas dos estudantes acerca de suas práticas e do seu dia a dia, quanto – e principalmente - sobre o que eles dizem a respeito de seus colégios e o uso que estes fazem da mídia. A análise dos dados será feita a partir do referencial teórico e também dos resultados de pesquisas recentes sobre mídia, tecnologias de informação e comunicação e educação.

5.1 – Gênero, raça e faixa etária: muitas semelhanças

Os dados mais gerais sobre os alunos que responderam aos questionários, relacionados a gênero, idades e raça/cor, mostram que, nesse aspecto, há muitas semelhanças entre aqueles que estudam na Capital e os que estão nos municípios próximos a ela, na Região Metropolitana. Na Capital e nas cidades vizinhas, a grande maioria dos alunos é formada por meninas (96% são mulheres no Rio de Janeiro e 94,2, nos demais municípios). Também a maior parte é formada por estudantes de 17 anos: 52,5% dos alunos têm essa idade nos outros municípios e 56,7% estão nessa faixa etária na cidade do Rio de Janeiro. Grande parte dos alunos se declara como parda em todos os municípios (somados, são 38,5% nas cidades vizinhas à Capital e 37,1% na cidade do Rio de Janeiro). Essa maioria vem seguida por aqueles que se declaram como brancos (32,9% na cidade do Rio de Janeiro e 34% nos demais municípios), e depois pelos estudantes que se declaram como negros (27,8% na cidade do Rio de Janeiro e 20,5% nos demais municípios). Abaixo, estão os quadros

comparativos de sexo, idade e raça/cor entre os estudantes da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios vizinhos.

Quadro 29



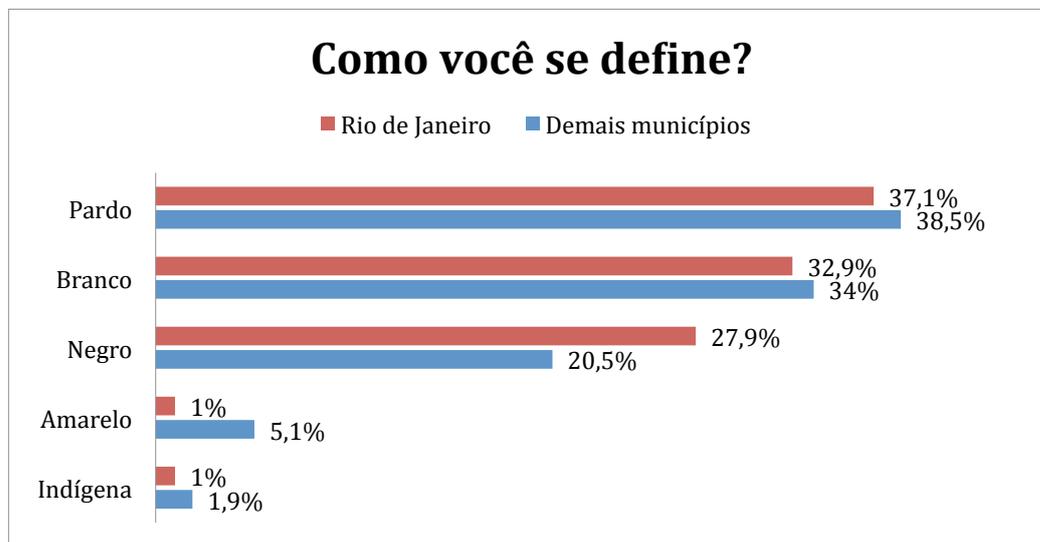
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

A presença majoritária das mulheres no Ensino Médio Normal, em todas as cidades pesquisadas, pode ser explicada pelo fato de que o magistério se transformou em uma atividade predominantemente feminina, em um processo que teve início ainda no século XIX, quando passaram a ser admitidas alunas nesse tipo de escola formadora e mulheres começaram a ser aceitas como professoras nas escolas públicas (ver mais sobre isso no capítulo 3). Os censos escolares mostram que, quanto maior a especialização, maior o número de docentes do século masculino no magistério. Assim, no Ensino Médio há mais homens dando aulas do que na Educação Infantil, tornando a educação de crianças de 0 a 6 anos uma atividade quase que exclusiva das mulheres.

A divisão por raça/cor, que está no quadro a seguir, levou em conta a maneira pela qual os próprios alunos que participaram da pesquisa se consideravam e mostra que há um número significativo de jovens que se consideram pardos tanto nas escolas pesquisadas na Capital, quanto nos demais municípios. Essa taxa vem seguida por

aqueles que afirmam brancos, quase em mesmo numero percentual, demonstrando uma aproximação grande entre as características dos alunos da cidade do Rio de Janeiro e os das cidades no entorno da Capital.

Quadro 30



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

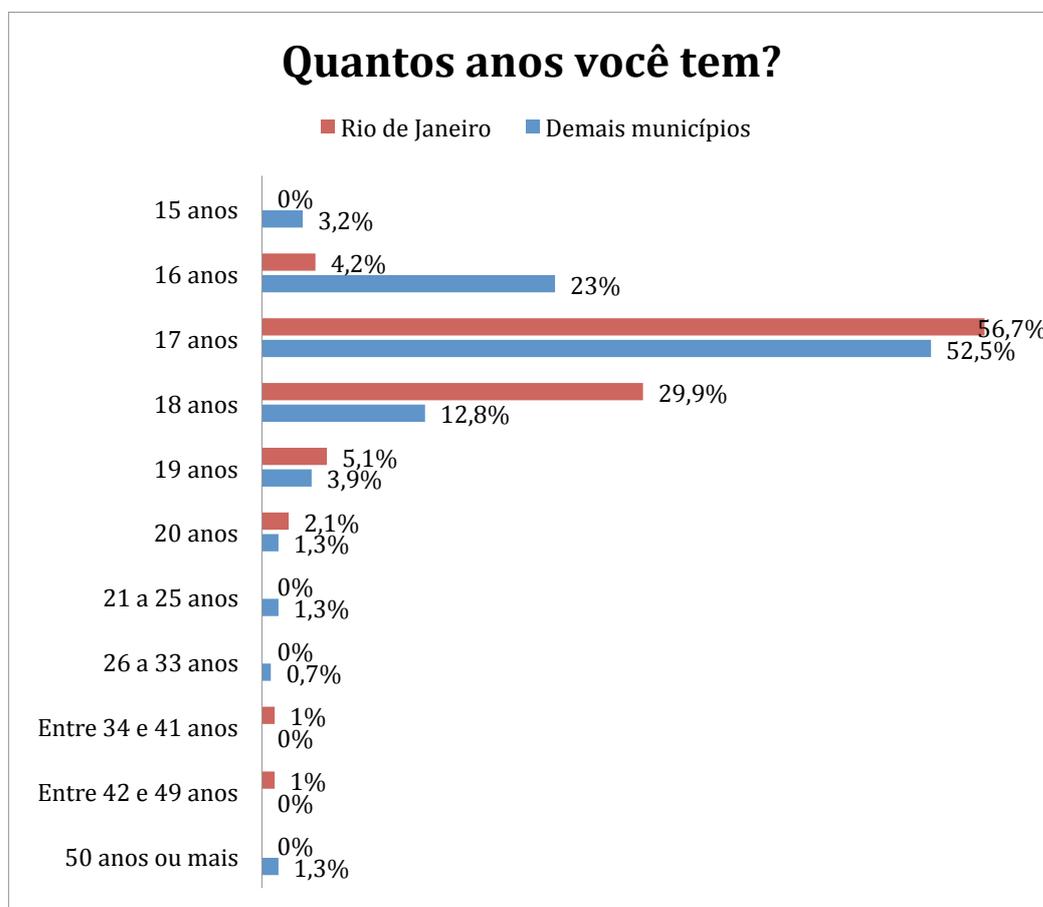
(Fischberg, 2011)

A partir desses dados, percebe-se que as escolas de formação de professores de Ensino Médio, independentemente de estarem na Capital ou nos municípios em seu entorno, atraem mulheres de cor parda, evidenciando, de certa forma, que o magistério vem se transformando em uma área onde atuam profissionais com renda menos elevada. Raça e gênero, infelizmente, ainda estão diretamente relacionados aos ganhos do indivíduo no Brasil. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Fórum de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)²⁴, por exemplo, em 2006, enquanto as mulheres brancas

²⁴ O estudo “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça” foi elaborado pelo IPEA com informações sobre a situação social brasileira sob a ótica dos dois determinantes das desigualdades existentes em nosso país. Ela se baseia em dados das PNADs (Pesquisa Nacional sobre Amostra de Domicílios) de 1993 a 2007, sobre diferentes temáticas, com o recorte de sexo e raça. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/destaque/Pesquisa_Retrato_das_Desigualdades.pdf (Acesso em 14/12/2010).

ganhavam, em média, 63% do que recebiam homens brancos, as mulheres negras ganhavam 66% dos salários dos homens negros. Comparadas aos homens brancos, as mulheres negras ganhavam apenas 32% de seus salários.

Quadro 31



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

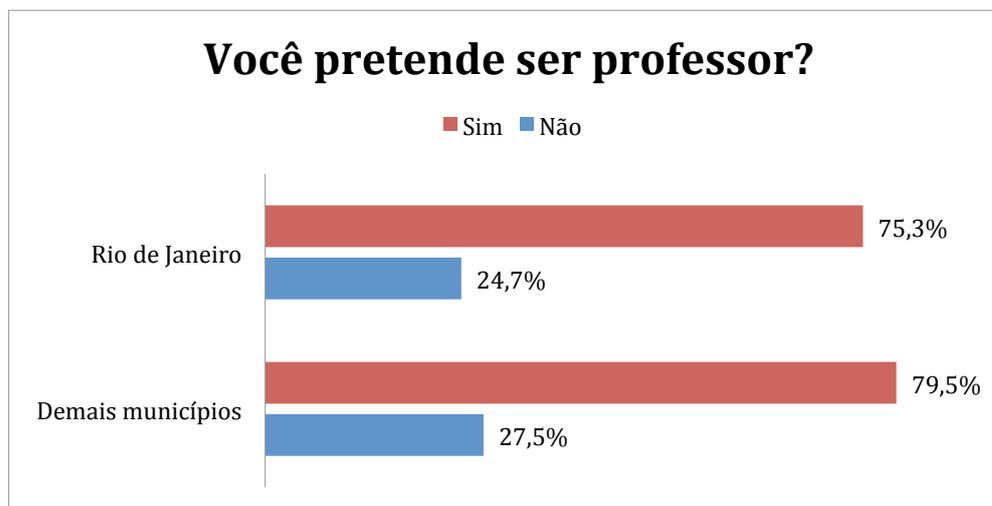
(Fischberg, 2011)

A homogeneidade em relação a idade, gênero e raça/cor evidencia também o momento pelo qual passa a Escola Normal de Nível Médio. A mais recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, lei 9.394/96, passa a exigir formação em nível superior para os professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino

Fundamental, mesmo admitindo a formação em Nível Médio, modalidade Normal. Isso, de certa forma, pode ter contribuído para um esvaziamento desse segmento, fazendo com que ele fosse procurado por um grupo de pessoas bastante parecido. São jovens com perfis semelhantes, não importando em que região esteja localizada a instituição (dentro ou fora dos centros urbanos, perto ou longe das áreas mais ricas da cidade e de instituições culturais). Eles se dizem mais interessados em uma educação pública de qualidade, uma vez que as Escolas estaduais Normais apresentam melhores resultados em comparação com as outras estaduais que não possuem esse tipo de ensino, e que não têm condições financeiras de estudar em um colégio particular. Ao mesmo tempo, alguns demonstram que podem seguir por outras carreiras, que não o magistério.

Como explica Schwartzman (2005), no artigo “Os desafios da Educação no Brasil”, a maioria dos professores que atuavam nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental tinham no máximo um diploma do nível médio obtido em uma Escola Normal. Hoje, segundo o autor, 30% dos professores desse segmento já têm um diploma de curso superior.

Sobre os desejos desses jovens para o seu futuro profissional, a análise dos dados também revela um perfil parecido entre aqueles que estudam na cidade do Rio de Janeiro e os que estão nas escolas dos municípios próximos: a maioria, em todas as instituições, afirma que pretende dar aulas no futuro. No Rio de Janeiro, 75,3% responderam que querem seguir o magistério ao saírem da escola e, nos municípios próximos, são 72,5% aqueles que querem ser professores. O número de estudantes que vão fazer vestibular é também bastante elevado, em todos os colégios: entre aqueles que estudam nas instituições da cidade do Rio de Janeiro, 98,9% vão tentar uma vaga no ensino superior; já nos demais municípios, o percentual é de 92,9%. Isso talvez evidencie que esses estudantes sabem que o diploma de Nível Médio, em alguns anos, não mais representará uma garantia de posição favorável no mercado de trabalho. Os quadros comparativos sobre o que desejam esses estudantes para o seu futuro profissional podem ser encontrados a seguir.

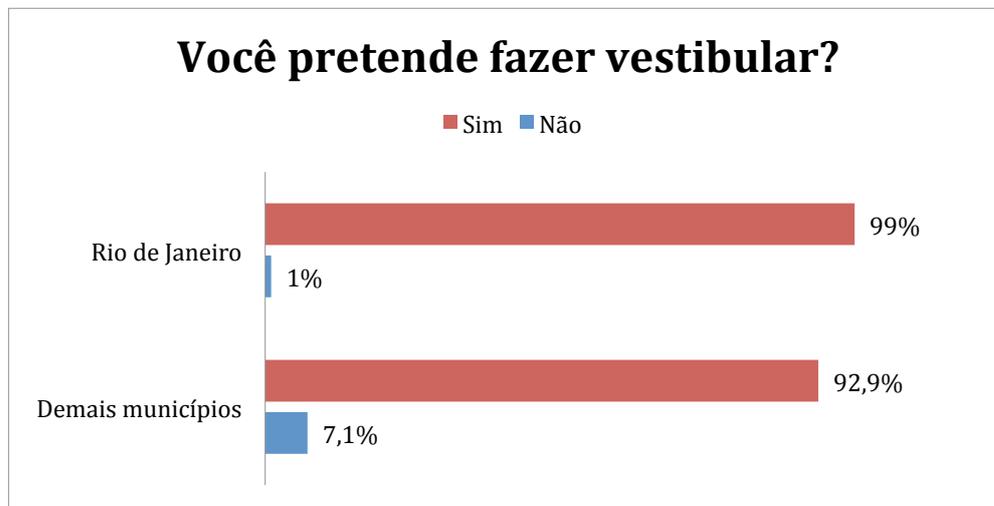
Quadro 32

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Fazer vestibular, nesse caso, significa ter possibilidade de concorrer a uma profissão mais valorizada do que a do magistério, no futuro, mesmo pretendendo seguir pelo magistério, em um primeiro momento de suas carreiras. O incentivo dessas escolas para que seus alunos prestem vestibular (ver mais no capítulo 2, descrição da chegada ao campo) faz, por exemplo, com que eles sigam também por carreiras como Psicologia, Medicina, Educação Física, História e Letras. Foram essas as carreiras mais citadas, depois de Pedagogia, pelos alunos que afirmaram pretender concorrer ao vestibular.

Quadro 33



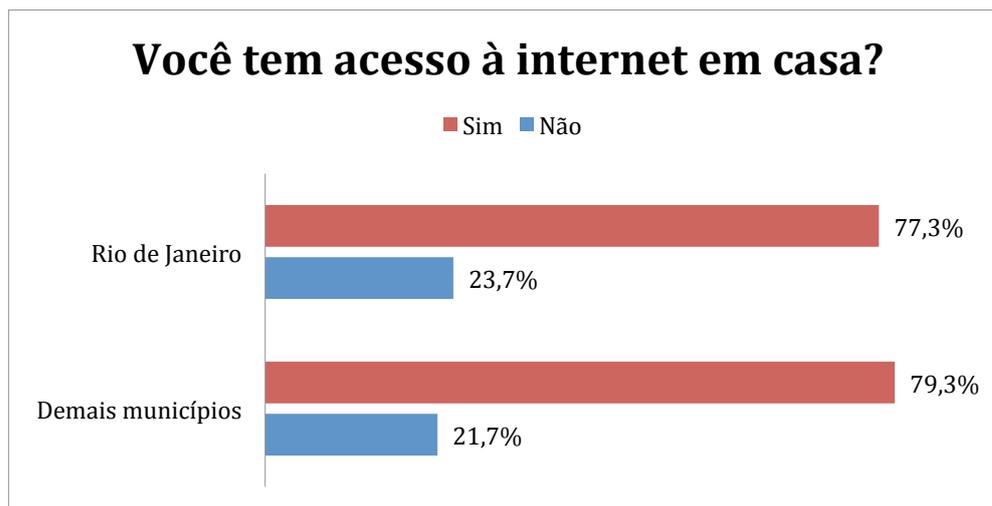
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

5.2 – Acessos aos meios de comunicação e as práticas de leitura por região

As características dos estudantes pesquisados também são bastante similares quando analisamos as estatísticas sobre o seu acesso aos meios de comunicação em casa. Na cidade do Rio de Janeiro, 76,3% declararam ter acesso à internet em sua residência, 51,5% disseram ter TV por assinatura e apenas 7,2% possuem assinatura de jornal. Nos demais municípios, os percentuais para esses dados são, respectivamente, 78,3% (acesso à internet), 46,2% (TV por assinatura) e 4,5% (assinatura de jornal). Isso, mais uma vez, evidencia a condição financeira desses alunos. Só há opção de assinatura de jornal de grande tiragem no Estado do Rio de Janeiro, hoje em dia, para os chamados *quality papers* (denominação usada para definir os jornais reconhecidos tradicionalmente como formadores de opinião). Extra, Meia Hora e outros jornais populares cariocas são comprados apenas em banca e são voltados para as classes C, D e E, das quais, provavelmente, fazem parte os alunos

pesquisados. Os jovens que responderam aos questionários não possuem assinatura, mas, ainda assim, encontram jornais em suas casas com certa regularidade. A seguir, os quadros comparativos sobre o acesso à internet, assinatura de jornal e facilidade de acesso ao impresso, com as respostas entre estudantes da cidade do Rio de Janeiro e dos demais municípios.

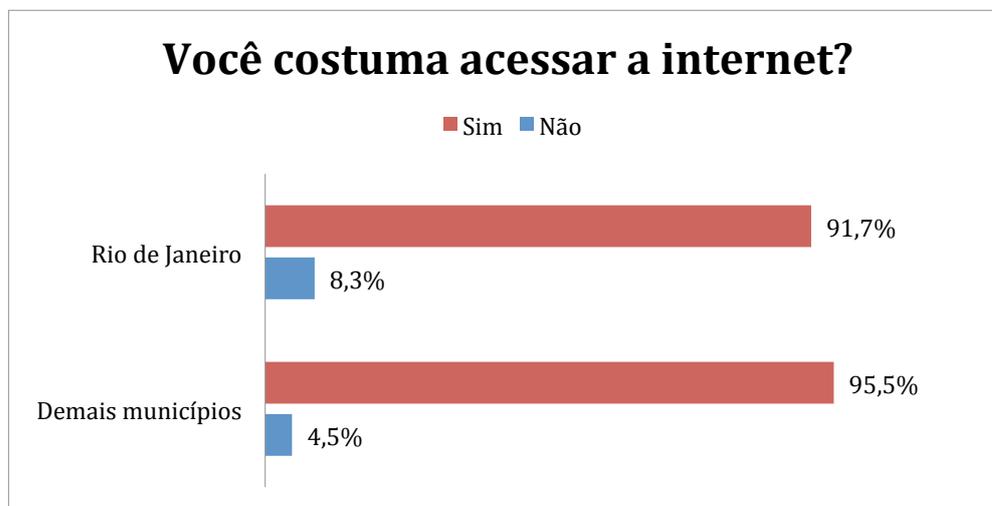
Quadro 34



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

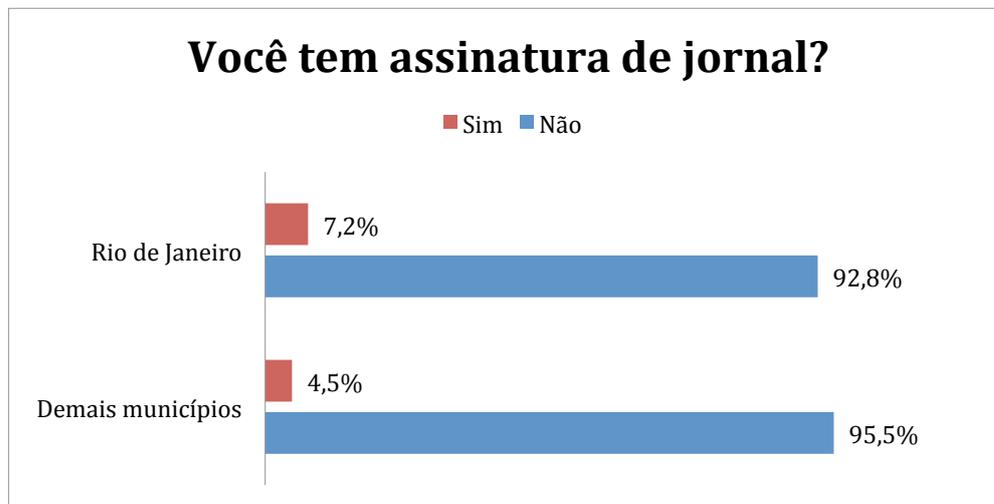
(Fischberg, 2011)

O largo acesso à internet é um dado bastante animador nesta pesquisa. A rede já não parece estar disponível só em Lan Houses ou nas escolas. Agora, ela está dentro de suas casas, bem mais acessível, e isso não apenas nos grandes centros, como a Capital, mas também nos municípios menores, em seu entorno. O barateamento de certos serviços (como a banda larga), aliado a um menor custo dos computadores e outros tipos de hardware, bem como a uma expansão do conhecimento sobre como usar essa ferramenta, traz essa nova realidade para esses jovens (ver capítulo 3).

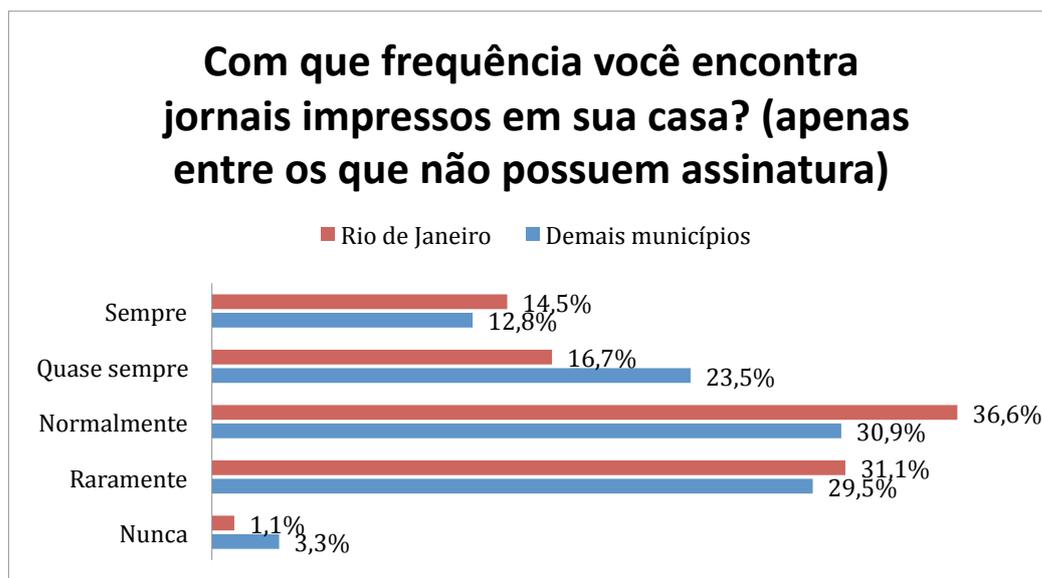
Quadro 35

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

A frequência com que têm acesso a jornais impressos em suas residências é bastante parecida, se comparamos os estudantes da Capital e dos municípios próximos. Considerando apenas aqueles que declararam não possuir assinatura de jornal, nos municípios próximos à cidade do Rio de Janeiro, 36,3% dos estudantes dizem ter os periódicos quase sempre ou sempre em casa; 30,9% afirmam que isso acontece normalmente e 32,8% dizem que nunca ou raramente têm acesso aos jornais em suas residências. Já na Capital, 31,2% responderam que ter jornais em casa é algo que acontece quase sempre ou sempre; 36,6% disseram que normalmente têm os impressos em casa e 32,2% afirmaram nunca ter jornais em suas residências.

Quadro 36

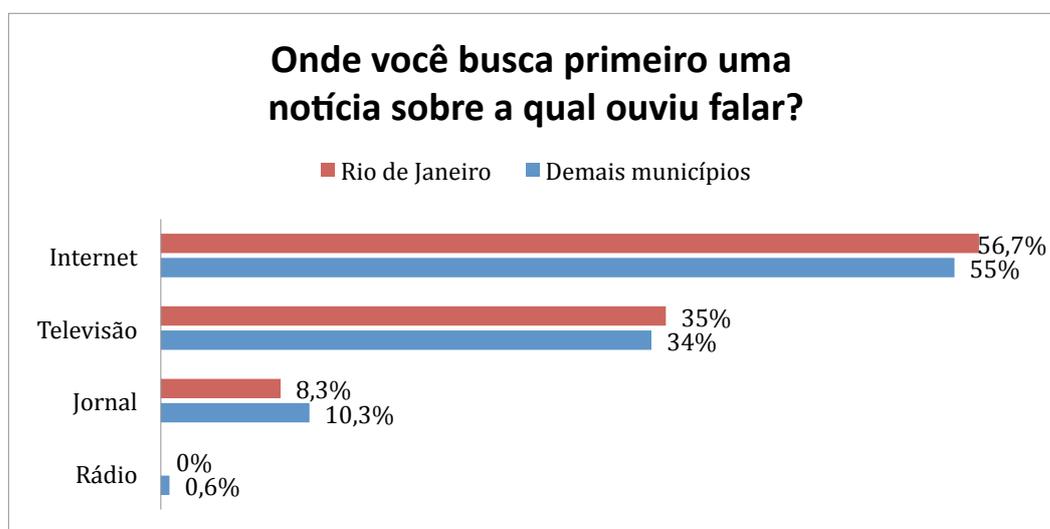
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

Quadro 37

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

Com características tão semelhantes em relação ao acesso aos meios de comunicação, alguns resultados sobre onde e de que forma os jovens que responderam ao questionário procuram pela notícia são, também, parecidos. Ao serem questionados sobre o veículo em que buscam primeiramente uma informação, 56,7% dos alunos da cidade do Rio de Janeiro apontaram a internet, bem como 55% dos estudantes dos demais municípios. A TV aparece como segundo veículo mais procurado, tendo sido escolhida por 34% alunos das outras cidades da Região Metropolitana fluminense e 35% dos jovens da cidade do Rio de Janeiro. Huang (2009) também mostra, a partir de uma pesquisa realizada com jovens americanos, que o ambiente online é o que mais se adequa às necessidades e desejos dos jovens, principalmente se pensarmos em relação à divulgação de notícias. É ali que eles encontram as notícias no modo que chamamos *on demand*, ou seja, por demanda. Os jovens querem aquilo de que precisam, as notícias que lhes são interessantes e importantes para a sua vida. Tentar achá-las no jornal é bem mais custoso do que na internet. Essa faixa etária mais jovem afirma “não ter tempo”, ou “ter afazeres demais com os estudos”, tanto na pesquisa americana quanto no trabalho de campo realizado para esta tese, o que explica a sua falta de apreço pelos jornais impressos, que dão mais trabalho e gastam mais minutos para serem lidos.

Quadro 38



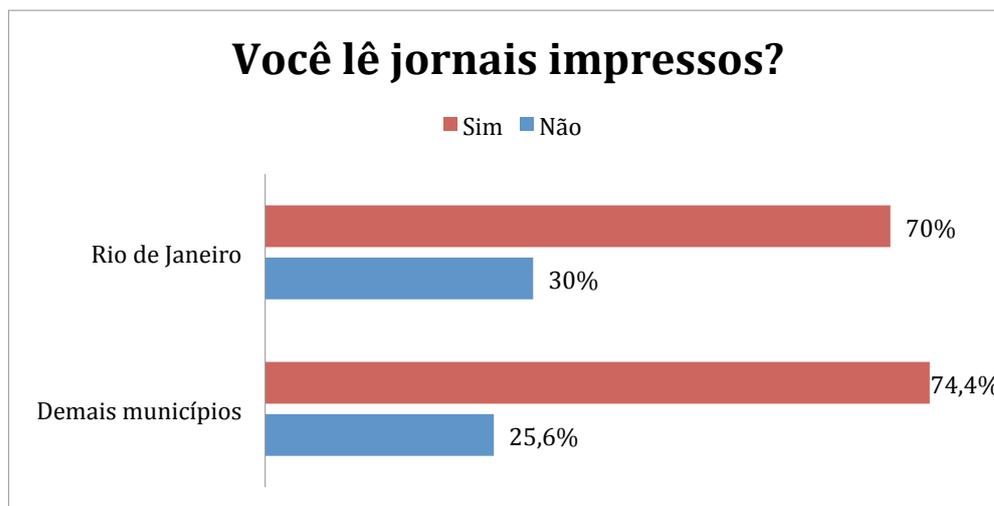
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Ainda assim, a televisão no Brasil tem bastante força no que se refere à interação dos jovens com as notícias. Enquanto as pesquisas internacionais indicam uma migração maior e mais rápida para a web por parte dessa faixa etária, a análise de certos resultados desta tese talvez mostre que a televisão está bastante presente nessa área.

Sabemos também que o alcance da televisão no Brasil é de praticamente 100% das casas e que, nesse contexto, a TV Globo ocupa um lugar privilegiado. Não é à toa que esta, durante anos, se autodenominou campeã de audiência. (...) A TV conseguiu (aqui no Brasil) produzir uma unidade imaginária num espaço de contrastes. Sem essa unidade, o Brasil talvez não se reconhecesse. Não é à toa que o slogan da Globo – “Globo, a gente se vê por aqui” – tem tanto sentido (...) (Travancas, 2007, p. 57 e 58)

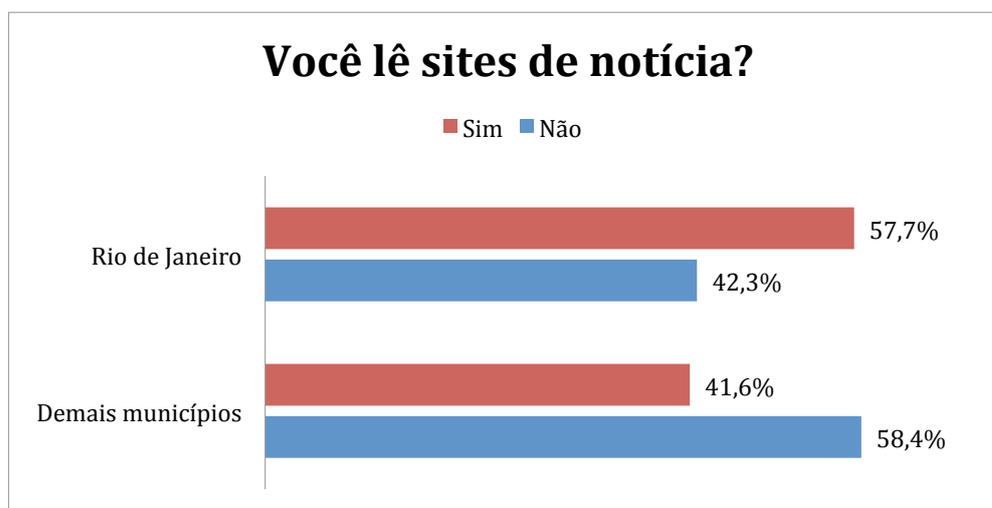
Para os índices de leitura de jornais e de sites de notícia, entre os jovens que participaram desta pesquisa, os percentuais são bastante próximos. Nos municípios do entorno da cidade do Rio de Janeiro, 74,4% dos alunos disseram ler jornais impressos, e, na cidade do Rio de Janeiro, foram 70%. Com relação aos sites, 57,7% dos jovens do município do Rio de Janeiro dizem que se informam por esse tipo de mídia, contra 58,4% dos estudantes das cidades próximas, que afirmaram acompanhar as notícias pela internet.

Quadro 39

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Analisando os dados de internet e, mais especificamente, de leitura de sites de notícia obtidos com esta pesquisa, é possível notar que o Brasil, nesse sentido, ainda não está no mesmo patamar que outros países como Estados Unidos, Inglaterra ou França. Consome-se por aqui, ainda, mais o jornal de papel para se ter acesso às notícias que o jornal de internet, servindo a rede bastante para a busca, mas não para a leitura diária, comum. Isso pode ser explicado talvez pela não-portabilidade da internet no Brasil, diferentemente do que já ocorre nos outros países citados. Huang (2009) mostra que ter um celular com acesso à grande rede ou um laptop com banda larga ou *wi-fi*, além de MP3 players, pode fazer com que os jovens se tornem grandes consumidores móveis das notícias divulgadas pela internet. Aqui no Brasil, o jornal de papel ainda continua sendo o instrumento que pode ser levado para todos os cantos, não tendo sido substituído em larga escala, pelo menos por enquanto, pelos aparelhos eletrônicos que possibilitam o acesso à internet.

Quadro 40

Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Cabe ressaltar que quase todos os alunos afirmaram acessar a internet com regularidade, nesse caso não para ler notícias. Cerca de 91% dos estudantes pesquisados na cidade do Rio de Janeiro dizem usar a rede e, nos outros municípios, são cerca de 95%, como vimos anteriormente. A maior parte dos dois grupos faz isso com mais frequência de casa: 87,6% dos jovens, na cidade do Rio de Janeiro, e 76,5%, nos demais municípios.

A leitura de revistas é algo também que merece ser mencionado. Apesar de caras e por isso, muitas vezes inacessíveis para a compra, elas ainda representam um nicho bastante atraente para jovens, de acordo com os dados obtidos com a aplicação dos questionários. Isso ocorre mesmo com o desmembramento das informações nos grupos cidade do Rio de Janeiro e demais municípios, não estando tal fato restrito à Capital. A leitura, nesse caso, não parece para os estudantes um enfado ou algo que os faça perder tempo, algo já tão escasso por ser tomado com os afazeres da escola e com a rotina atribulada. Há sempre um tempo para pegar uma revista emprestada, parar um pouco e ler. A segmentação que esse mercado, o das revistas, vem experimentando nos últimos tempos poderia ser uma explicação. Cada tipo de revista tem, hoje, um público bem definido (adolescentes, crianças, jovens, mulheres,

homens). Sendo assim, não se perde tempo procurando na revista uma notícia que seja interessante para quem está lendo: todas as informações que estão ali servem para o público ao qual ela se destina. Os índices de leitura de revistas entre os alunos pesquisados na cidade do Rio de Janeiro e nos demais municípios estão no quadro a seguir.

Quadro 41



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Di Nucci (2002), em uma pesquisa sobre as práticas de leitura do jovem do Ensino Médio, em que foram entrevistados 20 adolescentes de uma classe de 2º ano de uma escola de Campinas, com dados coletados a partir de um questionário fechado, mostra que são as revistas o objeto mais lido por esses jovens – 100% deles afirmaram ler esse tipo de impresso. Em seguida, vieram os jornais, com 85%, e os livros, com 65%. No caso das revistas, segundo a autora, foi possível perceber que muitos dos alunos pesquisados liam mais de um tipo de revista, o que parece indicar que esse tipo de publicação é bastante presente no cotidiano dos jovens. Essa leitura estaria mais voltada para a busca de informações e curiosidades do cotidiano do que para assuntos acadêmicos e se faria presente no dia a dia desses estudantes principalmente pelo fato de apresentar textos curtos e com linguagem de fácil leitura,

serem ilustradas e escritos com letras e formas diferentes. Segundo os alunos entrevistados, é isso que torna a leitura atraente e essa característica nem sempre está presente em um texto de livro.

A presença incontestável da televisão, já enfatizada por Travancas (2007), também pode ser medida através da próxima tabela. A maioria esmagadora vê televisão ou pelo rádio e é por eles que se mantém em dia com a notícia.

Quadro 42



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

As primeiras diferenças entre os jovens pesquisados na cidade do Rio de Janeiro e os dos municípios próximos poderão ser notadas quando analisamos os dados da pergunta “Você acha que está por dentro das últimas notícias”? A grande maioria, fora da Capital, diz estar a par do que vem acontecendo no Brasil e no mundo, enquanto o número não é tão expressivo na cidade do Rio de Janeiro. Se isso não pode ser analisado a partir dos números desta pesquisa, uma vez que as taxas percentuais em relação a leitura de jornais, sites de notícia e as interações com televisão e rádio são bastante parecidas, talvez as entrevistas semi-estruturadas, realizadas antes da aplicação dos questionários, possam nos dar pistas. A estudante entrevistada em um dos municípios da Região Metropolitana, fora da Capital, dizia

não depender de jornais, especificamente, para ter acesso às notícias. Ler os sites, mesmo aqueles vinculados a programas de compartilhamento de mensagens, como o MSN, já supria essa necessidade. E, diferentemente de outra aluna da cidade do Rio de Janeiro entrevistada, ela não via problema em ler notícias fragmentadas, de textos curtos e leitura rápida, disponíveis na *web*. Beatriz, uma das estudantes entrevistadas da Capital, por exemplo, foi quem levantou a questão da confiabilidade do jornal impresso. Segundo ela, não dá para confiar nos sites da mesma forma com que se confia nos jornais. De certa forma, poderíamos imaginar que, através da internet e confiando nesse meio, os alunos de fora da Capital têm acesso ao que acontece em suas cidades e no mundo e, assim, se sentem por dentro das últimas notícias. Podemos também pensar que os alunos da Capital são mais críticos em relação ao que consideram estar “por dentro das notícias” e que, mesmo lendo jornais e sites de notícia de forma bastante próxima à dos estudantes da Região Metropolitana, em termos percentuais, ainda não consideram que o que leem os faça estar “atenados”.

Chartier²⁵ afirma que é através da internet que crianças e jovens entram em contato com o mundo dos livros – e, conseqüentemente, da mídia impressa, quando antes acontecia o inverso. A internet, então, como mostram os alunos pesquisados dos municípios próximos à cidade do Rio de Janeiro, é importante nesse sentido. A forma de transmissão e apropriação muda radicalmente, uma vez que o computador não se assemelha em nada ao livro impresso. Mas é necessário entendermos que há uma coexistência entre esses dois meios e não há como definir o que é melhor ou o que é pior para cada tipo de leitor. É necessário conhecer os mecanismos de funcionamento de cada um deles. O quadro sobre as diferenças percentuais na questão “Você acha que está por dentro das últimas notícias” se encontra a seguir.

²⁵ Entrevista disponível no site <http://historica.me/profiles/blogs/roger-chartier-hoy-los-chicos>. Acesso em 15 de dezembro de 2010

Quadro 43

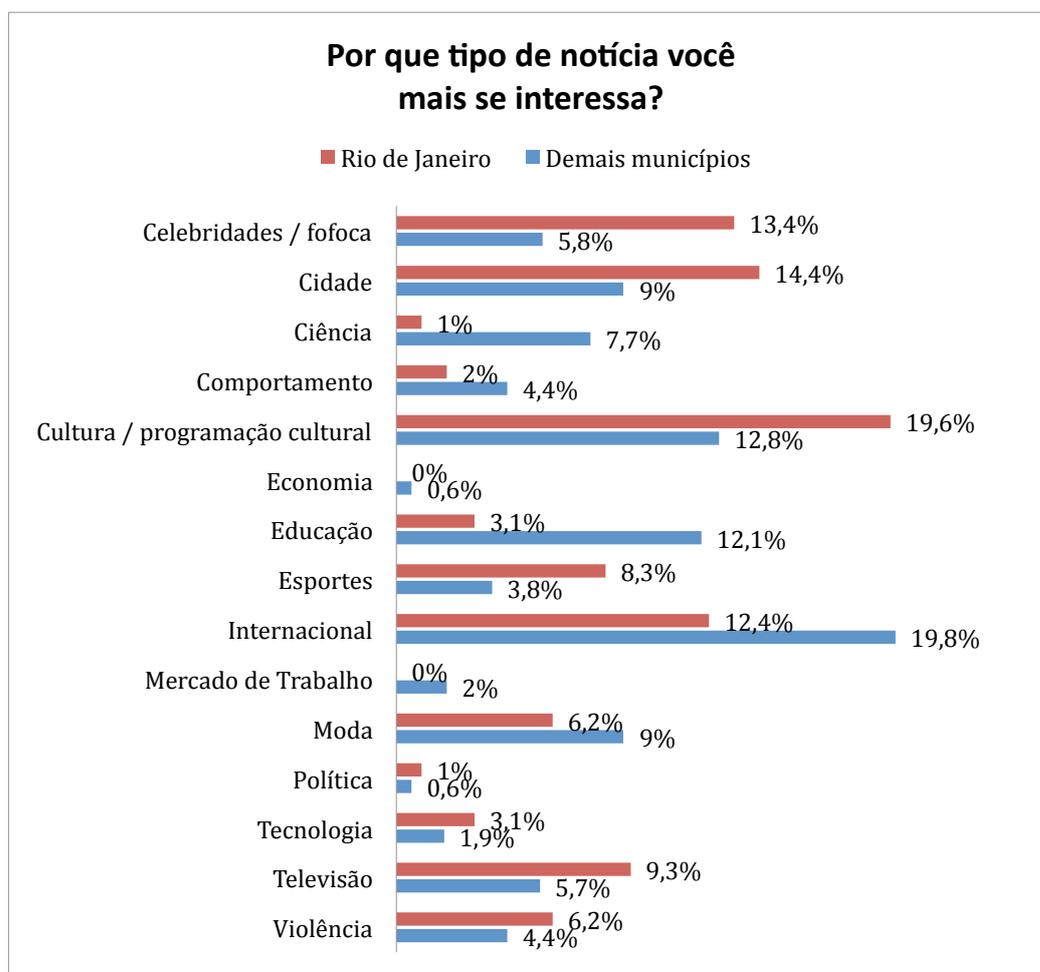
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

5.3 – As preferências dos futuros professores e os usos da mídia pelas escolas pesquisadas, divididas por região

Nas questões relacionadas a gostos pessoais e considerações sobre as informações que recebem da mídia, é possível perceber que há diferenças entre o que dizem os estudantes do Rio de Janeiro e os pesquisados das cidades do entorno. Nos municípios próximos à Capital, as notícias que mais atraem os estudantes são as internacionais. Cerca de 19% dos alunos disseram gostar mais de informações sobre o que acontece no mundo. Em seguida, na ordem de preferência, vêm Cultura/Programação cultural (com 12,8%), Educação (com 12,1%), Cidade e Moda (cada uma com 9%). Já no Rio de Janeiro, Cultura/Programação cultural foi o tipo de notícia mais procurada, apontada por 19,6% dos entrevistados. Cidade foi o segundo tema preferido pelos alunos (com 14,4%), seguido por Celebidades/Fofocas (com 13,4%) e internacional (com 12,4%). O quadro a seguir mostra os percentuais de todos os tipos de notícia, comparativamente entre a cidade do Rio de Janeiro e os demais municípios.

Quadro 44



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

A preferência por notícias da área de Cultura, na cidade do Rio de Janeiro, pode ser explicada pelo fato de que os estudantes nessa região estão mais próximos de museus, teatros, cinemas e centros culturais, diferentemente do que acontece nos outros municípios. Em quase todas as escolas em que estive, em Belford Roxo, Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias e São Gonçalo, para a aplicação dos questionários, percebi que havia uma preocupação das instituições em informar aos alunos, através de folhetos ou murais, a programação cultural daquelas regiões. Analisando o material, ficava clara a escassez de opções, restritas principalmente às

lonas culturais. Não à toa, nas entrevistas semi-estruturadas realizadas em um primeiro momento desta pesquisa, os alunos dos municípios do entorno da Capital, quando perguntados sobre o que faziam nas horas vagas, responderam que costumam navegar pela internet, ouvir música ou sair com os amigos. Já os da cidade do Rio de Janeiro citaram programas mais específicos, como cinema e teatro.

Os dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC)²⁶, do IBGE, de 2001, mostraram que grandes cidades possuem mais equipamentos culturais. A oferta desses equipamentos, de acordo com esse estudo, aumenta conforme o tamanho da população, sua renda e até mesmo o tempo de existência do município. São 17 tipos de equipamentos detectados na pesquisa, que incluem museus, bibliotecas, livrarias, unidades de Ensino Superior, teatros, cinemas, locadoras de filmes, orquestras, banda de música, lojas de CDs, rádios AM FM, gerador de TV, provedor de internet, clubes, estádios e shopping centers. Naquela época, as cidades que tinham até 5 mil habitantes tinham como média três equipamentos. Já nos municípios com mais de um milhão de habitantes havia todos os 17 tipos de equipamentos culturais – caso da cidade do Rio de Janeiro. A mesma pesquisa realizada em 2009 revela um acréscimo, por exemplo, de equipamentos tradicionais como museus, teatros e, em menor medida, cinemas, nos municípios brasileiros, o que poderia indicar que esse cenário ainda pode, no futuro, ser modificado.

A partir desse quadro, percebemos também que há uma espécie de consenso entre os estudantes, tanto os da cidade do Rio de Janeiro quanto os dos outros municípios, de que Política e Economia não são assuntos “interessantes”. Durante a aplicação dos questionários, em conversas informais com alguns alunos, foi possível perceber que o que lhes interessa são aqueles ligados de maneira mais próxima às suas rotinas, ou que vão ter impacto sobre o seu dia a dia. Sendo assim, Política e

²⁶ A pesquisa coleta informações a partir de questionários respondidos pelas prefeituras. Além da Cultura, são investigados outros temas como Administração, Habitação, Esporte, Segurança, Transporte, Meio Ambiente, Direitos Humanos, Saúde e Políticas de Gênero. Os dados estão disponíveis em www.ibge.gov.br (acesso em 20/02/2011).

Economia são vistos por eles como áreas desinteressantes, pois estão distantes de sua realidade. A divisão muito segmentada entre as áreas de notícia, que facilitam a sua “digestão”, como explica Chartier (2007), ao mesmo tempo em que atrai o leitor diretamente para aquilo que o interessa, também causa certo tipo de “repulsa”, deixando determinadas áreas do jornal relegadas somente aos mais velhos, quando tratamos de jovens. “*Sei que isso é importante, mas acho que, enquanto estou na escola, ainda não tenho tanta necessidade de saber*”, explicou uma aluna da escola Rio2. Di Nucci (2002) chegou a um dado bastante parecido em sua pesquisa sobre o que leem estudantes de Ensino Médio em uma escola de Campinas. As seções de jornal mais lidas pelos alunos pesquisados por ela eram Noticiário Local, Horóscopo e Classificados (16,67%) e Esporte (15%). Em menor frequência de leitura estavam Noticiário Nacional (5%) e Economia (3,33%).

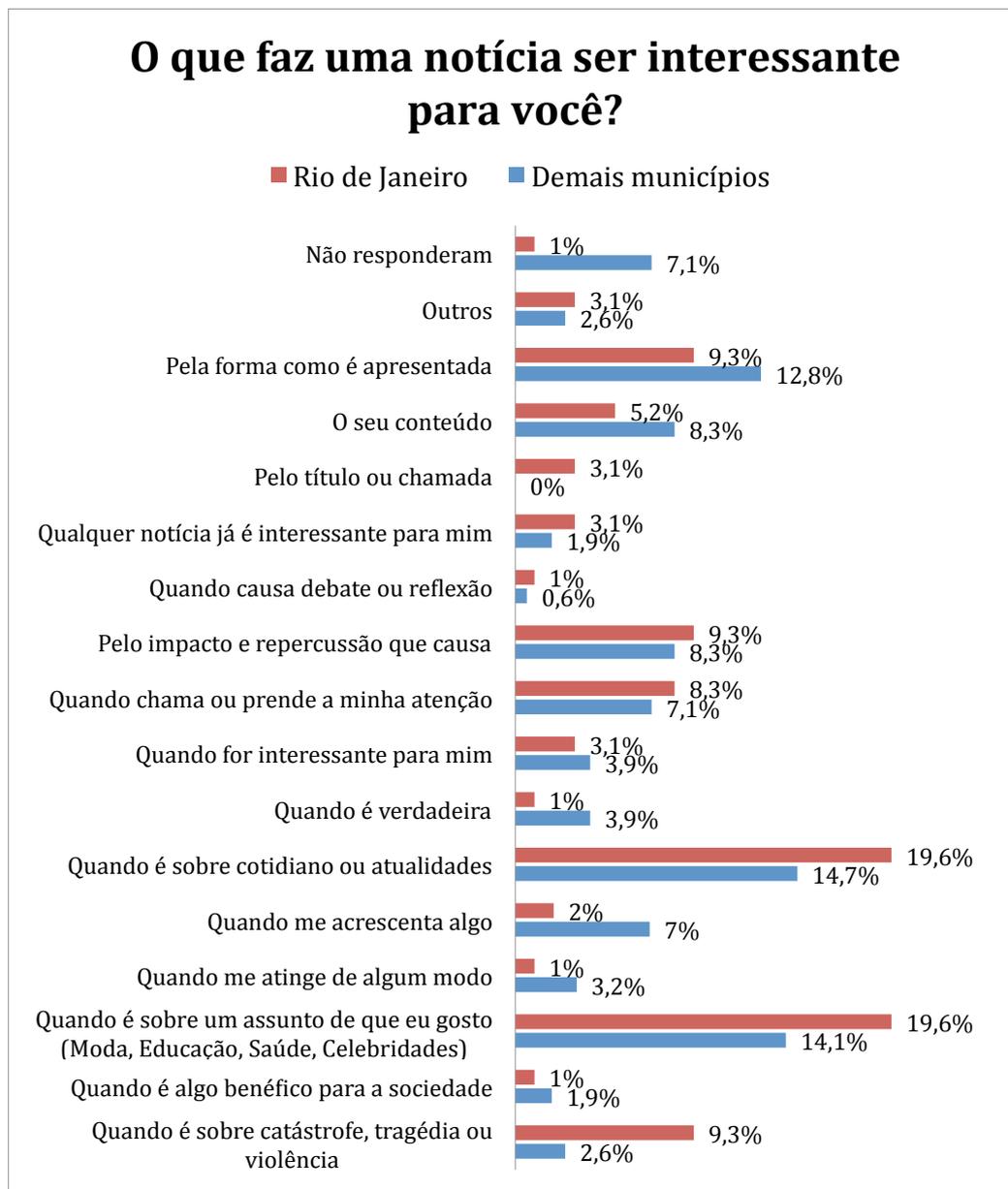
É comum lermos o jornal de acordo com nossos interesses: ora lemos o jornal integralmente, ora lemos determinadas seções. O mesmo ocorre com os jovens: eles preferem ler as partes que descrevem informações que julgam interessantes (horóscopo e esportes) e informações relacionadas ao cotidiano, por julgarem importantes para a sua interação social. (Di Nucci, 2002, p. 80).

A falta de interesse por Economia e Política por parte dos futuros professores, portanto, demonstra que eles estão de certa forma alinhados a um modo de agir e pensar comum a qualquer adolescente de sua idade, mesmo aqueles que não estão se preparando para atuar no magistério. Esses assuntos não fazem parte de seu cotidiano, por isso são descartados.

Já os motivos que levam os estudantes a considerar uma notícia interessante variaram pouco de um grupo para outro. Entre aqueles que estudam na cidade do Rio de Janeiro, a maioria afirmou que acha interessante se a informação é sobre um assunto específico de seu gosto, como Moda, Fofoca ou Violência (19,6%). Falar sobre o dia a dia também faz com que aquela informação seja do interesse de grande parte deles (19,6%). Em seguida, vieram a forma (9,3%), impacto/repercussão (9,3%) e ser sobre violência/catástrofe (9,3%). A maioria dos alunos dos demais municípios também apontou que notícias interessantes são aquelas sobre o dia a dia (foram 14,7% os que afirmaram isso). Em seguida, vieram aqueles que apontaram que uma

notícia é interessante para eles quando trata de assuntos específicos que lhes interesse (foram 14,1%) e os que disseram ser a forma como a notícia é apresentada o diferencial (12,8%). A comparação entre as respostas se deu por meio das categorias em que foram agrupadas, uma vez que essa questão era de caráter aberto.

Quadro 45



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

As diferenças mais significativas entre o que dizem os jovens da cidade do Rio de Janeiro e dos demais municípios estão no tratamento que, segundo eles, suas escolas dão ao uso da mídia. Ainda assim, mesmo com essas diferenças, há um ponto em comum. Nas questões sobre o acesso a jornais impressos e sites de notícia na escola e sobre a maneira como os professores ou os colégios utilizam essas ferramentas para atividades mostram que há ainda muito a ser feito nesse sentido por parte dos colégios pesquisados, tanto na cidade do Rio de Janeiro, quanto nos municípios próximos.

Quase nenhuma escola dos municípios fora da Capital, por exemplo, dá acesso ao jornal impresso por inteiro, sem cortes ou edição por parte dos professores, o mesmo periódico que recebem os assinantes de jornal ou aqueles que o compram nas bancas. Foram apenas 7% dos alunos os que disseram encontrar o jornal impresso, sem nenhuma ressalva, em seus colégios. E mesmo esse pequeno acesso parece ser dado de maneira precária: apenas 9% dos que afirmaram ter jornais em sua escola apontaram que isso acontece na bibliotecas das instituições. Cerca de 27% disseram encontrar os periódicos através de amigos que compram e emprestam e 18%, por outras pessoas na escola que compram, como inspetores ou professores. Cerca de 63% entre aqueles que afirmaram ter acesso aos jornais na escola, disseram que isso acontece em sala de aula. Já entre as escolas da cidade do Rio de Janeiro, o número de alunos que afirmam conseguir o impresso por inteiro sobe um pouco, apesar de ainda ser baixo: 14,4% dizem que têm, em seus colégios, acesso livre a esse tipo de material. A maior parte desses estudantes que dizem encontrar impressos em suas escolas, cerca de 50%, o que é mais importante, explicam que há o periódico na biblioteca da instituição. Em seguida, vieram aqueles que disseram ter acesso a partir de pessoas que compram e emprestam o impresso (42,8%) e os que afirmaram conseguir por amigos que compram e emprestam (35,5%).

Colocar o jornal por inteiro na mão dos alunos é condição fundamental para um bom uso desse instrumento, segundo Lozza (2008).

Na verdade, se o jornal apresenta uma determinada interpretação da realidade, o leitor, ao lê-lo “criticamente”, deve interpretar a interpretação do jornal. Criticando, conhecemos. Conhecendo, optamos. Optando, construímos saídas, alternativas, estratégias propícias à humanização do Homem. (Lozza., 2008)

Ter acesso ao jornal como um todo, ou melhor, aos jornais, pois o acesso deve ser a vários e não a um só, possibilita compreender a interpretação daquele impresso, a sua linha editorial e o que pode estar por trás de uma manchete ou da maneira como é escrita uma reportagem. Quando as reportagens são oferecidas já editadas por um professor, que as seleciona, recorta e as distribui, muitas vezes os alunos mal se dão conta de que jornal veio aquela informação, não conseguem visualizar como ela estava diagramada na página junto com as outras notícias (se estava mais ao alto, ou se estava escondida), não são capazes de enxergar muito além das informações que estão ali contidas, pois não lhes é dada a chance de fazerem isso. Abaixo, o quadro sobre o acesso aos jornais nas escolas.

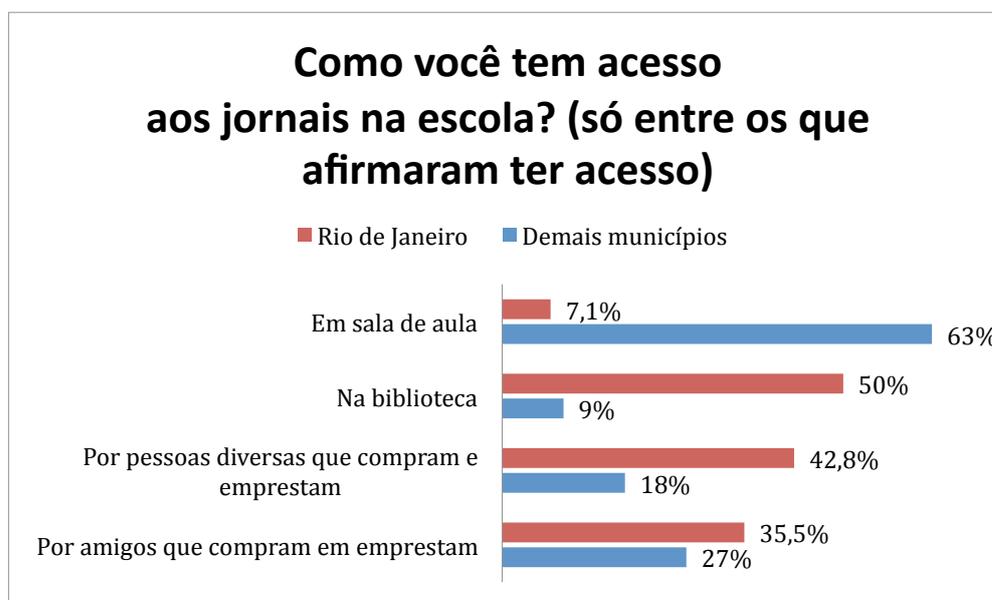
Quadro 46



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

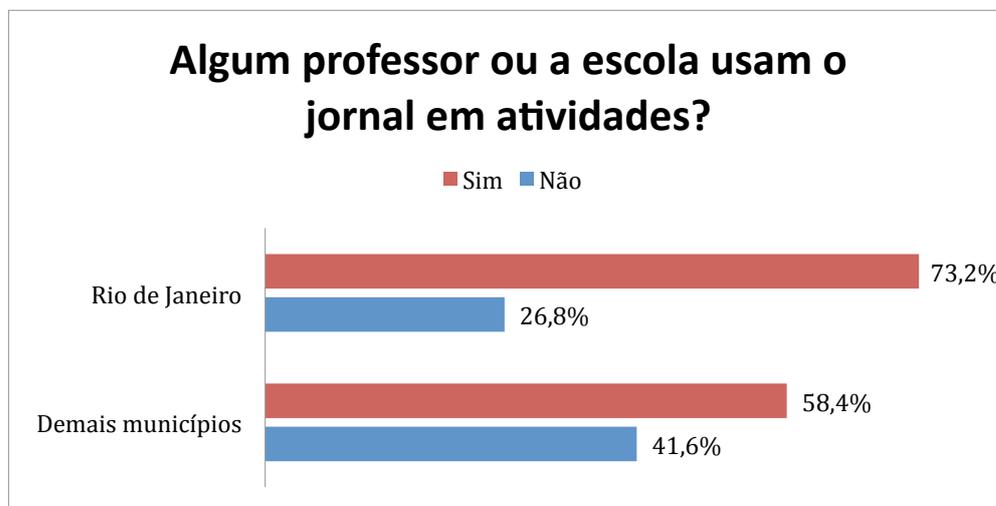
Quadro 47



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

Ainda acerca desse instrumento, o jornal impresso, nas escolas dos municípios vizinhos à Capital, há um registro de percentual menor de professores que fazem uso do periódico em sala de aula ou de atividades propostas pela escola com esse instrumento. Cerca de 58,4% dos estudantes desses municípios disseram que, de alguma forma, esse tipo de veículo aparece ou é mencionado em aula, contra um número bem mais expressivo no Rio de Janeiro, onde foram 73,2% dos alunos que afirmaram o mesmo. Em todas as escolas, a maneira pela qual o jornal é trazido para dentro de sala é através de comentários dos professores sobre as notícias. O número de alunos que diz que suas escolas possuem jornal mural, por exemplo, é mais significativo na cidade do Rio de Janeiro que nos demais municípios. A seguir, os quadros sobre o acesso aos jornais nas escolas e a maneira como os professores e os colégios usam esse material, separadamente por região.

Quadro 48



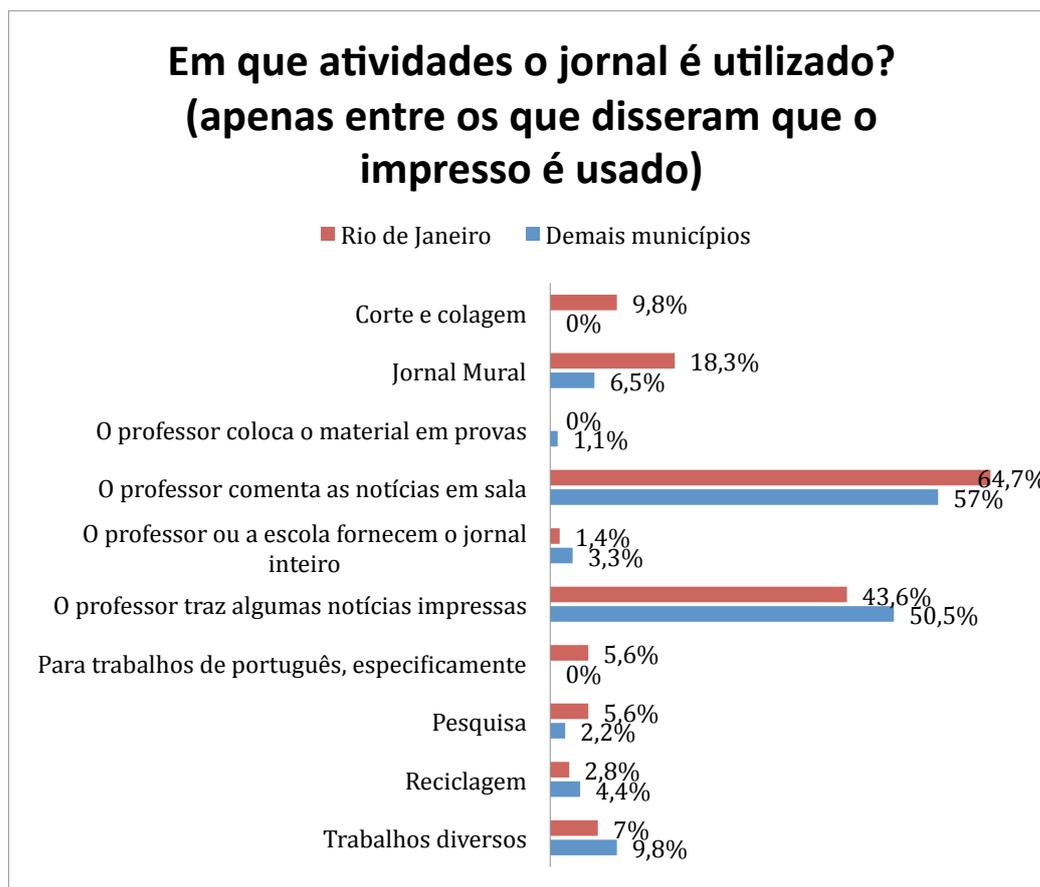
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

O jornal mural pode ser uma ferramenta de grande valia para os professores e futuros professores pesquisados. De acordo com Spenillo (2001), esse tipo de ferramenta se mostra como um recurso por excelência para a comunicação comunitária, pois une o texto escrito à imagem, cor e adereços, que facilitam atrair a atenção do leitor. Essa atenção, vale lembrar, já é naturalmente disputada por conta dos inúmeros atrativos audiovisuais da nossa sociedade. A autora se refere ao uso específico dessa ferramenta para as camadas populares, mas o mesmo princípio poderia ser aplicado às escolas.

O jornal mural, então, permite atender a um público pouco familiarizado com a leitura, porém diretamente interessado nos temas tratados pelo jornal. Ou seja, o fato de se estar abordando a vida da comunidade, suas conquistas, seus problemas são motivos por si só para mobilizar a população para a leitura do jornal. As dificuldades e as questões inerentes ao cotidiano, até mesmo de se garantir a sobrevivência–realidade nos meios populares brasileiros e latino-americanos – tornam esta leitura, muitas vezes, secundária. As fotos, as ilustrações e o colorido, então, aparecem como um estímulo ao sentido da visão, servindo de subterfúgio para a leitura do texto e, ao mesmo tempo, sendo também eles informações que se somam. (Spinello, 2001, p.3)

Participar, então, da confecção de um jornal mural, pode ser ainda mais proveitoso para os alunos das Escolas Normais, que viriam a ser interessar pelos temas abordados pelo jornal no dia a dia dessa forma. Chama ainda atenção o número alto de estudantes que explicam que o jornal é utilizado em atividades de corte e colagem ou reciclagem, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Alguns questionários indicam que são somente para esse fim que os jornais são usados. A seguir, os quadros sobre o uso do jornal em sala de aula.

Quadro 49



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Em relação aos sites de notícia, curiosamente, a relação se inverte. Entre as escolas dos municípios próximos à Capital, o acesso e o uso desse instrumento em

sala de aula ou pela escola é maior do que nas instituições do Rio de Janeiro. Cerca de 37% dos alunos das cidades vizinhas afirmam ter acesso livre aos sites de notícia, enquanto, na cidade do Rio de Janeiro, esse percentual cai para 17,5%. Os professores e as escolas dos municípios fora da Capital, de acordo com os jovens, também utilizam mais esse instrumento em atividades. Nessas instituições, cerca de 42% dos estudantes disseram que há atividades com sites de notícia. Já na cidade do Rio de Janeiro, foram cerca de 30% dos alunos que afirmaram o mesmo. Ainda assim, a maneira pela qual utilizam o material parece ser mais equilibrada nas escolas da Capital, uma vez que 90% dos alunos dos demais municípios apontaram que seus professores apenas comentam as notícias publicadas na internet, enquanto na cidade do Rio de Janeiro mais estudantes disseram que navegam junto com os docentes pelos sites ou fazem pesquisas através deles.

Quadro 50



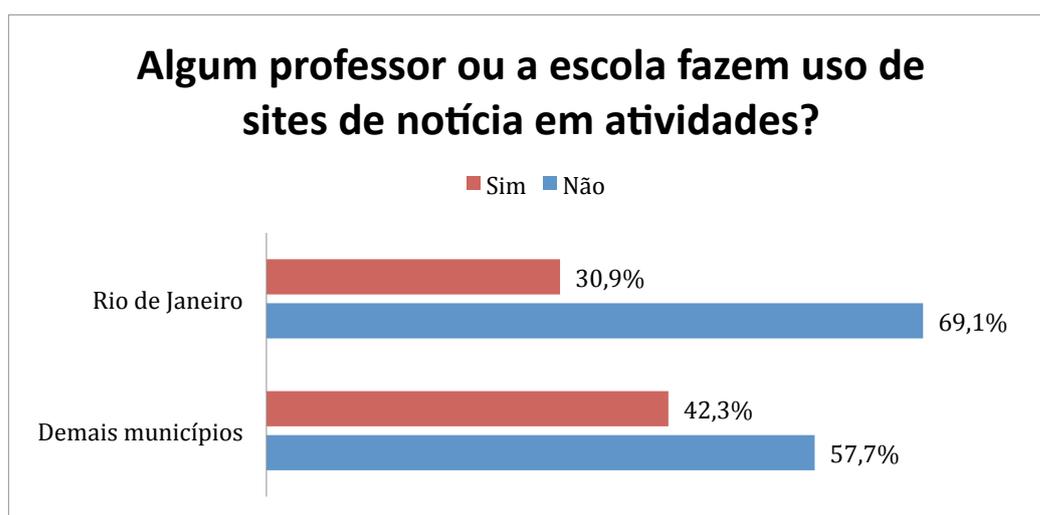
Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

O que afirma Carmen Lozza (2008) sobre a importância de se fornecer os jornais por inteiro aos alunos poderia ser aplicado, de maneira análoga, ao uso mais livre da internet e dos sites de notícia na escola. Procurar por uma notícia, navegar em um site jornalístico sem restrições, passar por vários endereços por conta própria

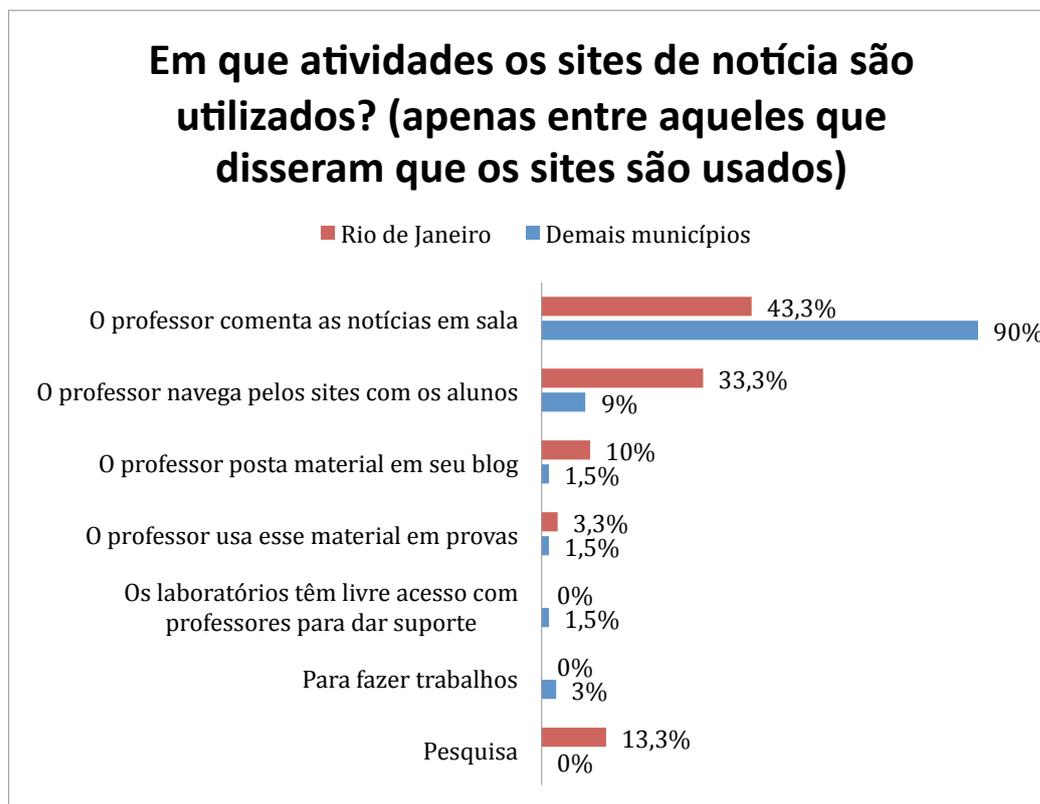
representaria aqui o mesmo que ter um jornal inteiro em mãos. É preciso ter a liberdade para procurar por si próprio, compreender os mecanismos de cada site, analisar as prioridades de cada um deles na hora de elencar as notícias que divulgam, entre outros. As escolas pesquisadas, ao que parece, não seguem por esse caminho. Os quadros sobre acesso a sites e uso dessa ferramenta por parte dos professores e dos colégios estão nas próximas páginas.

Quadro 51



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”
(Fischberg, 2011)

Quadro 52



Microdados: “Jornais e sites de notícia: o que leem (ou não leem) futuros professores”

(Fischberg, 2011)

Para Caldas (2006) aprender sobre o mundo editado pela mídia, a ler além das aparências, a compreender a polifonia presente nos enunciados da narrativa jornalística não é tarefa fácil, mas desejável para uma leitura crítica da mídia.

Discutir a responsabilidade social da imprensa, do jornalista, compreender as intrincadas relações de poder que estão por trás da composição dos veículos; capacitar professores e alunos para entender os sentidos, o significado implícito no discurso da imprensa não são tarefas fáceis. Exigem muito mais que a competência do fazer jornalístico e o entendimento claro de que a linguagem utilizada pela mídia encerra múltiplas interpretações, razão pela qual a leitura da mídia na escola não deve restringir-se à leitura de um veículo, mas à pluralidade dos meios. É necessário reconhecer, portanto, que a linguagem é, por natureza, ideológica. (Caldas, 2006, p.122)

Quando discutimos o uso da mídia em uma escola de formação de professores, esse tipo de ação, que possibilita um uso consciente dos meios de comunicação, é ainda mais urgente. Se a única maneira pela qual os jornais são usados em algumas escolas é através de reciclagem ou corte e colagem, temos um problema duplo: de estudantes que não são formados para uma leitura crítica da mídia e de futuros professores que não saberão também como trabalhar com esse material com seus alunos. Temos, aí, um problema que se perpetuará, caso não se repense na forma pela qual as escolas de Ensino Médio Normal podem mudar esse cenário.

Caldas (2006) ainda trata da questão da inserção de textos e materiais jornalísticos em livros didáticos, que muitos consideram uma maneira de solucionar esse problema. Ela considera que essas narrativas podem e até devem servir como pontos de partida para a reflexão sobre determinados contextos, mas há que se pensar que, no caso do uso desses textos como parte de exercício gramatical, por exemplo, não são poucas as falhas encontradas na imprensa, como problemas de conteúdo, falta de contextualização da informação, pobreza vocabular, imprecisão linguística, entre outros. Uma vez que a velocidade representa uma grande parte do processo midiático, especialmente nos jornais diários, a imprensa está sujeita a essas falhas. Além disso, a notícia fragmentada, usada no livro a partir de um recorte, não traz ao aluno, de fato, uma aproximação com o que ela verdadeiramente representa. Tira-se de um contexto (o jornal impresso) e joga-se em outro (o livro), sem que se dê ao estudante a real percepção de para quem aquele texto jornalístico foi escrito, por que foi editado daquela forma, o que poderia estar por trás de seu discurso, que destaque teve no jornal ou no site em que foi veiculado, entre outros. Assim, é preciso sempre levar em consideração que o uso pelo uso dos jornais e sites de notícia, sem que haja uma preparação organizada de atividades e estudos, não representa um avanço nessa área.

Retomando as considerações sobre este capítulo, percebe-se que as escolas da cidade do Rio de Janeiro e dos demais municípios são bastante parecidas em relação a diversos aspectos. Um público de características bem próximas está presente nos colégios tanto da Capital, quanto das cidades em seu entorno. Quem se dedica a um projeto de seguir pelo magistério no futuro, principalmente aquele que vai ser absorvido pelos segmentos Infantil e Fundamental, são pessoas que, em geral,

possuem renda mais baixa. Ainda assim, o acesso e um possível interesse desses jovens pelas notícias mostra que não há como tirar conclusões precipitadas apenas por seus dados sócio-econômicos. Conectados e grandes usuários de internet, esses jovens parecem precisar apenas de mais incentivo para, no caso das mídias, olharem com maior cuidado e terem mais interesse sobre o que acontece no Brasil ou no mundo. Grande parte desse incentivo poderia - e deveria - vir das escolas em que estudam.